

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



PENSAMENTO MARXIANO E A QUESTÃO AMBIENTAL

Rafael Garcia Carmona¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo central refletir sobre a atualidade do pensamento de Karl Marx para analisar a chamada crise e questão ambiental na contemporaneidade, a partir de pesquisa bibliográfica. Pondera-se que a temática ambiental não era central na obra de Marx, dado que sua preocupação foi com a crítica radicalmente fundamentada ao capitalismo, o que não significa que a sua teoria e o conjunto de categorias por ele criadas, não possam contribuir para o debate e a análise da questão ambiental na atualidade. Ao analisarmos o marxismo clássico (com sua concepção materialista da história e da natureza), vamos encontrar inúmeros exemplos na obra de Marx, da associação direta entre a exploração do proletariado e da natureza, abrindo um campo de reflexão sobre a articulação entre luta de classes e luta em defesa do meio ambiente. Assim, Marx fornece uma grande contribuição para pensarmos as problemáticas ambientais de nosso tempo, quando sinaliza que as origens das crises ambientais a nível global não devem ser buscadas na natureza, mas sim na sociedade.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Crise ambiental. Fratura metabólica

ABSTRACT

This article has as its main objective to reflect on the actuality of Karl Marx's thought to analyze the so-called crisis and environmental issue in contemporary times, based on bibliographical research. It is considered that the environmental theme was not central in Marx's work, given that his concern was with the radically grounded critique of capitalism, which does not mean that his theory and the set of categories created by him cannot contribute to the debate and analysis of the current environmental issue. When we analyze classical Marxism (with its materialist conception of history and nature), we will find countless examples in Marx's work, of the direct association between the exploitation of the proletariat and nature, opening a field of reflection on the articulation between class struggle and fights in defense of the environment. Thus, Marx makes a great contribution to thinking about the environmental problems of our time, when he signals that the origins of environmental crises at a global level should not be sought in nature, but in society.

Keywords: Environment. Environment crisis Environmental crisis. metabolic fracture Social work. Professional work.

¹ Assistente Social, Doutor em Serviço Social – PUC-SP.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central refletir sobre a atualidade do pensamento de Karl Marx para analisar a chamada crise e questão ambiental na contemporaneidade. Inicialmente, pondera-se que a temática ambiental não era central na obra de Marx, dado que sua preocupação foi com a crítica radicalmente fundamentada ao capitalismo, o que não significa que a sua teoria e o conjunto de categorias por ele criadas, não possam contribuir para o debate e a análise da questão ambiental na atualidade. Consideramos que a chamada crise ambiental, que se apresenta através de problemas como a pilhagem, degradação e destruição ambiental é a expressão visível do que consideramos como questão ambiental, a qual é intrínseca a uma sociedade de classes, estruturalmente desigual, envolvendo sujeitos antagônicos, que condiciona e restringe as possibilidades de apropriação, domínio e uso dos bens ambientais (GROSSI, 2009). Ao analisarmos o marxismo clássico (com sua concepção materialista da história e da natureza), vamos encontrar inúmeros exemplos na obra de Marx, da associação direta entre a exploração do proletariado e da natureza, abrindo um campo de reflexão sobre a articulação entre luta de classes e luta em defesa do meio ambiente. Os elementos que pretendemos apontar neste trabalho decorrem de modo central da análise marxiana acerca do metabolismo e fratura metabólica

2 MARX E A QUESTÃO AMBIENTAL

Karl Marx contribuiu decisivamente para o progresso do debate sobre a relação entre economia e natureza, ao interpretar a acumulação capitalista através das suas contradições sociais, ao contrário da concepção clássica liberal, baseada restritamente nas limitações naturais. De acordo com as análises de Marx, a continuidade do modo de produção capitalista, orientado, prioritariamente, pela maximização dos lucros, conduz, tendencialmente, a uma crescente exploração, alienação e expropriação da força de trabalho, por um lado, e, por outro, à deteriorização da base de produção econômica, da fonte da riqueza, ou seja, da natureza. Assim, mesmo que os efeitos ecológicos da sociedade industrial capitalista não tenham ocupado o centro dos estudos de Marx e muitos de seus textos devam ser considerados em função do período em que foram escritos, não se pode

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



afirmar que a problemática ambiental tenha sido subestimada em sua obra. Evidentemente, as crescentes catástrofes ambientais e os limites do crescimento econômico do nosso tempo, em grande parte, não foram abordados.

Deste modo, podemos partir do pensamento marxiano com a compreensão que a natureza não gera valor de troca, porém, ela é a fonte do valor de uso. Para Marx, os seres humanos e a natureza se encontram numa relação de reciprocidade, conforme descrição nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844:

O ser humano vive da natureza significa que a natureza é seu corpo, com o qual ele precisa estar em processo contínuo para não morrer. Que a vida física e espiritual do ser humano está associada à natureza não tem outro sentido do que afirmar que a natureza está associada a si mesma, pois o ser humano é parte da natureza (MARX, 2004, p. 516).

Na obra de Marx publicada recentemente, é problematizada o costume da sua época de recolher lenha seca e solta no chão, que remete a tempos précapitalistas quando a propriedade assumia formas distintas, Assim, segundo o autor passou a ser considerado, na época pela Assembleia, um delito a ser pago com multa. Marx (2016, p. 29), no entanto, entendia que “a coleta de lenha solta e o roubo de lenha são coisas essencialmente diferentes”. Para chegar a essa conclusão, definiu três categorias de lenha: a lenha verde, a lenha cortada e a lenha solta. “Para apropriar-se de lenha verde, há que separá-la com violência de seu conjunto orgânico. É um atentado aberto contra a árvore e, portanto, um atentado aberto ao proprietário da árvore”. Aceitava, portanto, o qualificativo de roubo para esse ato.

Da mesma forma, a lenha cortada é “madeira elaborada”. “Ao invés da relação natural com a propriedade, aparece a relação artificial. Portanto, quem subtrai lenha cortada, subtrai propriedade” (MARX, 2016, p. 29). Diferente é o caso da lenha solta. Nesse caso, nada se separa da propriedade. O que já está separado da propriedade se separa da propriedade. O ladrão de lenha solta dita um juízo arbitrário contra a propriedade. O coletor de lenha solta apenas leva a cabo um juízo que a própria natureza da propriedade ditara, pois possui apenas a árvore, e a árvore já não mais possui aqueles galhos (MARX, 2016, p. 29). Esta reflexão contém um profundo senso de igualdade no acesso à natureza, que transcende o caso específico em análise. Vejamos: se a árvore disponibiliza lenha solta, lenha que se separa naturalmente da árvore, essa matéria é um bem que a todos pertence, e o coletor que

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

dela necessita tem o direito de coletá-la. Mesmo que a árvore tenha um proprietário, a lenha que dela se separa, se separa, portanto, de seu proprietário. Isso coloca uma contradição na forma de propriedade privada, se analisada como forma de apropriação da natureza, pois a propriedade privada, nesse caso, gera uma propriedade comum.

Existem, portanto, “objetos da propriedade que, por sua natureza, não podem alcançar nunca o caráter de propriedade privada” (MARX, 2016, p. 38), a não ser por um ato de violência, como o praticado pela Assembleia, que contraria a força amistosa da natureza, “mais humanitária que a humana” na busca de converter suas leis para a propriedade privada. Nesse sentido, Marx (2016, p. 38) se refere a um “sentido jurídico instintivo” da classe pobre, que “não apenas sente o impulso de satisfazer uma necessidade natural, mas também a necessidade de satisfazer um impulso de justiça”.

As reflexões sobre o roubo de lenha, um dos primeiros escritos de Marx, já contêm as sementes de uma ontologia que se recusa a exteriorizar a natureza como um recurso que sofre impactos com a reprodução humana. O pressuposto de que os seres humanos produzem a natureza ao transformá-la exige reconhecer que os destinos da humanidade pertencem à própria humanidade. A relação com a natureza não apenas faz parte desse destino como é também esse destino, porque reflete nada mais que a relação de seres humanos entre si e as formas pelas quais reproduzem suas vidas.

Entretanto, a interação entre o ser humano e a natureza é definida pelas relações de produção vigentes na sociedade. Portanto, para compreender profundamente a complexidade da destruição ambiental é necessário analisar suas condições históricas e sociais. No modo de produção capitalista tudo tende a ser transformado em mercadoria e o produtivismo é a tendência predominante. Não é o valor de uso ou a utilidade de um produto ou serviço que tem prioridade e sim seu valor de troca.

A abordagem de Marx à chamada “economia ecológica” tomou forma a partir de uma crítica da produção e em particular da produção capitalista de mercadorias. Todos os produtos foram concebidos como tendo uma forma dual, de valor de uso e valor de troca, relacionada, respectivamente, com as suas condições naturais/materiais e com a sua avaliação na troca monetária. Marx viu a tensão antagônica entre valor de uso e valor de troca como chave tanto para as contradições internas do capitalismo como para o seu conflito com o ambiente natural externo. Ele insistiu em que a natureza e o trabalho, em conjunto, constituíam as duas fontes de toda a riqueza. Ao incorporar apenas o trabalho (ou serviços

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



humanos) nos cálculos do valor econômico, o capitalismo assegurou-se de que os custos ecológicos e sociais da produção seriam excluídos dos balanços.

Para Marx a grande indústria e a grande agricultura têm os mesmos efeitos e ambas evidenciam que a ideia de sustentabilidade não é conciliável com a economia de mercado capitalista, na qual o ser humano e a natureza estão submetidos à condição de mercadorias. Um ponto relevante da obra de Marx para aprofundar a reflexão acerca da relação homem – natureza são os conceitos de metabolismo social e de fissura metabólica, resgatados pelo pensamento marxista, para analisar esta questão em um quadro histórico onde a hegemonia do sociometabolismo do capital é determinante na produção de consequências negativas que afetam radicalmente a reprodução da vida humana e da biosfera.

A questão ambiental, visualizada na “crise ecológica”, é, portanto, a expressão da relação sociedade/ natureza que vem destruindo as duas fontes de produção de riqueza: o trabalho e a natureza.

Em Marx (2004), a relação entre seres humanos e natureza é definida através do conceito de metabolismo social, uma concepção da natureza humana segundo a qual ela se encontra em constante desenvolvimento pela interação com a natureza exterior através do trabalho. Nessa concepção, os seres humanos apropriam a natureza para satisfazer suas necessidades. A apropriação é um processo, especificamente um processo de trabalho, realizado desde o surgimento da espécie humana na terra. Assim, Marx (2004) define o metabolismo social independentemente das características que assume em formações sociais específicas. Nessa compreensão ampla, o trabalho é entendido como um processo entre seres humanos e natureza, “processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza” (MARX, 2006, p. 211).

Neste sentido, a imposição da natureza é uma imposição que condiciona a existência humana, pois é na natureza que os seres humanos encontram os meios de sobrevivência. Marx (2004) reafirma o caráter perene do processo de trabalho enquanto apropriação da natureza, independente das formas pelas quais esse processo se desenvolve historicamente. O metabolismo, ou o processo de trabalho, perpassa todas as sociedades em todos os momentos da história humana na terra. Esse ponto é fundamental, pois com este conceito Marx (2004) define o ser humano na sua essência: o trabalho é uma necessidade natural eterna.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Diferente de outros animais, e de outros seres vivos em geral, que também transformam a natureza para adaptá-la às suas necessidades de sobrevivência, os seres humanos apropriam a natureza com propósitos específicos, previamente concebidos como ideias. Em outras palavras, o que diferencia a atividade humana da de outras espécies é a idealização do ato na consciência previamente à transformação efetiva, material. É por isso que há um propósito a realizar, uma vontade, um desejo. Esses, criados idealmente, atuam como uma lei à qual o sujeito subordina seus atos. É um projeto idealizado que demanda esforço, ação, trabalho para sua concretização: há uma relação dialética entre transformação material e ideação, uma vez que a natureza provê os meios para que propósitos sejam idealizados para transformar essa mesma natureza.

O conceito de metabolismo permitiu a Marx não apenas expressar esta relação fundamental de forma mais científica, retratando a troca complexa, dinâmica, entre os seres humanos e a natureza decorrente do trabalho humano, que abrangia tanto as condições impostas pela natureza quanto a capacidade dos seres humanos de impactar esse processo. Segundo o marxista norte americano John Bellamy Foster, esse conceito deu a Marx um modo concreto de expressar a noção de alienação da natureza (e da sua relação com a alienação do trabalho), isto é, o desequilíbrio ou a crise na relação entre a humanidade e seu meio ambiente natural: a falha metabólica. Se refere a uma falha na forma como o metabolismo social é organizado na sociedade capitalista, uma constatação prematura de Marx acerca das perturbações da produção capitalista em termos ecológicos. Muito mais visível atualmente, a falha nos processos do metabolismo social integra o amplo quadro oferecido pela teoria de Marx: “a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo social de produção exaurindo as fontes originais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador” (MARX, 2006, p. 571).

Nos “Manuscritos Econômicos Filosóficos”, Marx faz a conexão da essência humana com o mundo material e chama a atenção para as verdadeiras necessidades do homem, que são as que partem de dentro do ser e cuja satisfação levam ao verdadeiro gozo e prazer. Segundo ele, quando um indivíduo atende a um chamado do mercado, obtém um gozo, porém, este está subordinado ao capital. O prazer passa a estar fora do indivíduo. No mundo das “necessidades fabricadas” o prazer encontra-se cada vez mais “fora do indivíduo” e a fetichização da mercadoria é cada vez maior. As mercadorias valem cada vez mais pelo seu

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

valor de troca do que de uso e o caráter místico da mercadoria não provém, pois, do seu valor de uso.

Como mencionamos acima, em Marx (2004), portanto, o conceito de natureza é sempre relacionado aos seres humanos e ao processo de trabalho. É a consciência do ato de apropriar a natureza que diferencia os humanos de outros seres vivos. Se analisado pela ótica do propósito, que faz desse um ato previamente idealizado e consciente dos seres humanos, percebe-se que há uma abertura para diferentes formas de apropriar a natureza. Não há determinismos e nem uma lei natural que defina essa relação, há o propósito e as interações sociais a ela relacionadas.

Apropriar a natureza é transformá-la em outra coisa, alterar suas propriedades físicas, químicas, interferir nos seus ciclos etc. Esses são processos que modificam a natureza, não necessariamente de forma destrutiva. A questão que Marx levanta aqui é que, ao invés de realizar essas transformações de forma “consciente e racional”, a sociedade capitalista se fundamenta nos critérios do “mercado internacional”, e como consequência, degrada as condições necessárias para a interação metabólica. O critério social para a transformação da natureza não é a produção de bens que satisfaçam necessidades humanas, mas a produção de valores que permitam o maior enriquecimento privado.

A apropriação da natureza e a produção de valores-de-uso no sistema capitalista é a produção de mercadorias que aparecem como valores-de-uso e valores-de-troca, mas que são trocadas a partir de uma terceira dimensão ocultada pelas relações capitalistas: o valor. A relevância da consideração da questão ambiental como uma questão a ser politizada pelas lutas sociais, no espaço da sociedade civil, está no fato de questionar a lógica insustentável do metabolismo social do capital, que historicamente vem operando uma separação entre o homem e a natureza. A crítica radical à lógica predadora e destrutiva do metabolismo social do capital abrange toda a organização social, que vem sendo regida por processos de aceleração da produção de riquezas materiais, voltadas para o consumo de bens definidos pelo seu valor de troca que determina, por fim, a mercantilização da própria vida.

Parece que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia, efetiva: assim, em economia política, por exemplo, começar-se-ia pela população, que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo. Captar o movimento do real significa apreender as determinações desse real, as categorias da existência social que condicionam algo, em suas múltiplas mediações. Do contrário, como já

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



foi dito, recai-se no formalismo científico, que pré-estabelece princípios e procedimentos sem reflexão acerca dos mesmos. Outro risco é recair no julgamento de valor, que tira a possibilidade de fazer a crítica para além de valores postos como absolutos e que definem moralidades apresentadas como universais, quando são na verdade formas de dominação exercidas por grupos e classes que estão na condição de dominantes.

O metabolismo sociedade-natureza, estabelecido pelo trabalho social, expressa as formas de relação que estabelecemos com a natureza e entre os seres humanos. Desse modo, a teoria marxista: “É uma teoria das formas em que os seres humanos firmam bases de mediação social que, por sua vez, constituem formas de prática social” (POSTONE, 2014, p. 252)

Por mais que a complexidade e o entrelaçamento de aspectos diferenciados da totalidade pareçam tornar impossíveis a transformação social, que escapa à ação individual comportamental ou técnica e obriga a mediações e ações de diferentes escalas, para um crítico esta é sempre possível e necessária. Como bem coloca Harvey (2013) é precisamente porque uma ruptura num ponto de um ciclo tem impactos imediatos em todos os outros que a mudança se torna possível. E o que Marx mostra é que, de qualquer maneira, inevitavelmente ocorrerão rupturas, havendo assim muitas oportunidades para intervenções políticas.

3 CONCLUSÃO

Partindo das análises de Marx, reforçadas pelos demais autores aqui referidos, podemos concluir que a sociedade capitalista seria para este insustentável em sua essência, pois, nela todos os relacionamentos naturais e humanos teriam sido dissolvidos e transformados em relacionamentos monetários, baseada na necessidade de um aumento ininterrupto da produtividade e na promoção do consumo exacerbado e fútil, embora grande parte da população não tenha nenhum acesso a esse consumo. A racionalidade, ou irracionalidade capitalística engessaria para este, o desenvolvimento dos talentos humanos e uma relação humana racional com a natureza, da qual somos parte. Assim, Marx fornece

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



uma grande contribuição para pensarmos as problemáticas ambientais de nosso tempo, quando sinaliza que as origens das crises ambientais a nível global não devem ser buscadas na natureza, mas sim na sociedade.

Trata-se de uma concepção de mundo fundamentada em um instinto que Marx (2016 p. 38) se referia em suas reflexões sobre a coleta de lenha na Renânia do Norte. Havia, para ele, um 'sentido jurídico instintivo' na classe pobre, entre aqueles que recolhiam lenha solta no chão. Esse sentido jurídico instintivo não era apenas "o impulso de satisfazer uma necessidade natural, mas também a necessidade de satisfazer um impulso de justiça". Diante da privação imposta pela condição de ser pobre, de não ter propriedade sobre a lenha, era preciso coletar lenha solta nos bosques. A lenha solta é um bem comum, que deve satisfazer a necessidade daqueles que a necessitam. A universalidade do bem comum está na afirmação da propriedade comum, na afirmação ético-prática de que os frutos da natureza pertencem à humanidade. Pertencem, portanto, a todos os que deles necessitam para viver.

Essa concepção se manifesta nos espaços de luta, nas tradições e nas concepções populares de mundo. São sementes que ainda não germinaram porque não vivemos as condições históricas para isto; porque estão sufocadas pela hegemonia do capital que se manifesta em práticas como a espoliação, a degradação e a atribuição do dinheiro como medida de valor e na naturalização da escassez. Neste sentido, uma das condições para equacionar a resolução dos problemas contemporâneos é a superação do capitalismo por outro modo de produção baseado em relações de produção voltadas ao atendimento das necessidades humanas e não na busca frenética pelo lucro, criando com isso as condições para a reconciliação entre os seres humanos e a natureza.

REFERÊNCIAS

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Tradução de Maria Teresa Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GROSSI, Monica. Aparecida. **Capitalismo e questão ambiental: contribuições da tradição marxista**. Libertas, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 33-56, jan./jun. 2009

MARX, Karl.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão popular, 2009.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



_____. **Manuscritos econômico -filosóficos.** Trad. Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2004

_____. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O capital: crítica da economia política.** Livro I – o processo de produção do Capital. v. 1. 23 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **O Capital: crítica da economia política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Os Despossuídos.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

POSTONE, Moishe. **Repensando a crítica de Marx ao capitalismo.** Disponível em: <http://www.obeco-online.org/mpt1.htm> . Acesso em 29 de novembro de 2018

PROMOÇÃO



APOIO

